

O IFMT e suas margens: mediações e disputas na prática da ciência e da educação

El IFMT y sus márgenes: mediaciones y disputas en la práctica de la ciencia y de la educación

The IFMT and Its Margins: Mediations and Disputes in Scientific and Educational Practice

AUTORE

Valter Cardoso da Silva*

valter.cardoso@uel.br

Moisés Alves de Oliveira**

moises@uel.br

* Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Rondonópolis (IFMT, Brasil).

** Docente do programa de mestrado profissional ProfQui/UEL e do programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL, Brasil).

RESUMO:

Os Institutos Federais têm como proposta a interiorização da educação profissional, técnica e tecnológica. Como resultado da implementação desses objetivos, ao mesmo tempo em que promovem práticas de iniciação científica e desenvolvem pesquisas aplicadas, tornam-se uma referência em educação pública, gratuita e de qualidade. No estado de Mato Grosso, educadores entrevistados em uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa afirmam que iniciativas voltadas à inclusão de segmentos historicamente desfavorecidos da população, residentes em localidades situadas às margens do estado, convivem com práticas que não se alinham à construção de ideais igualitários, evidenciando que a instituição é permeada por constantes mediações e disputas. Tais dinâmicas inserem-se em relações de poder que articulam o centro e a margem, assim como o global e o periférico. Nesse sentido, as fronteiras tornam-se difusas, sobretudo quando propostas educacionais e concepções inovadoras de ciência suscitam debates e fazem emergir, como reação, posturas políticas conservadoras e excludentes articuladas a perspectivas econômicas que, direta ou indiretamente, contribuem para a degradação ambiental.

RESUMEN:

Los Institutos Federales tienen como objetivo promover la expansión de la educación profesional, técnica y tecnológica hacia el interior del país. Como resultado de la implementación de estos objetivos, al tiempo que fomentan prácticas de iniciación científica y desarrollan investigaciones aplicadas, se convierten en un referente de educación pública, gratuita y de calidad. En el estado de Mato Grosso, los educadores entrevistados en una investigación cualitativa de carácter interpretativo afirman que las iniciativas orientadas a promover la inclusión de sectores históricamente desfavorecidos de la población, residentes en localidades situadas en las márgenes del estado, conviven con prácticas que no se ajustan a la construcción de ideales igualitarios, lo que pone de manifiesto que la institución está atravesada por constantes mediaciones y disputas. Estas dinámicas se inscriben en relaciones de poder que articulan el centro y la periferia, así como lo global y lo periférico. En este sentido, las fronteras se vuelven difusas, especialmente cuando las propuestas educativas y las nuevas concepciones de la ciencia generan debates y hacen emerger, como reacción, posturas políticas conservadoras y excluyentes articuladas con perspectivas económicas que, directa o indirectamente, contribuyen a la degradación ambiental.

ABSTRACT:

The Federal Institutes were established to expand access to professional, technical, and technological education in Brazil's interior regions. As they pursue these objectives by promoting undergraduate research activities and developing applied research, they have also become a benchmark for free, high-

quality public education. In the state of Mato Grosso, educators interviewed in a qualitative interpretive study argue that initiatives aimed at promoting the inclusion of historically disadvantaged populations living in peripheral regions coexist with practices that fail to uphold egalitarian ideals, revealing that the institution is permeated by ongoing mediations and disputes. These dynamics are embedded in power relations that connect the center and the margins, as well as the global and the peripheral. In this context, boundaries become increasingly blurred, particularly when innovative educational approaches and new conceptions of science foster debate and provoke conservative and exclusionary political reactions linked to economic perspectives that, directly or indirectly, contribute to environmental degradation.

1. Um território institucional em movimento

O Mato Grosso pode ser pensado como um território que, na dinâmica federativa brasileira, historicamente se situou à margem dos centros de poder. Seu processo de ocupação, marcado por movimentos irregulares ao longo do tempo, conheceu um acelerado incremento demográfico nos últimos cinquenta anos, principalmente com a chegada e consolidação do agronegócio como modelo econômico hegemônico (Barrozo, 2008; Coy, Barrozo & Souza, 2020). Tal condição periférica, no entanto, longe de representar mera passividade, constitui-se como espaço privilegiado para observar como as margens, seguindo Tsing (1993), operam como territórios de resignificação onde projetos universais são constantemente reconfigurados.

É neste contexto que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) emerge em 2008 como política pública voltada à interiorização da educação profissional e tecnológica. Como outros Institutos Federais, além de atuar como centro de formação técnica, se propõe a ofertar educação básica, formar professores e outros profissionais de nível superior que possam qualificar mão de obra local – pretendendo assim contribuir para o desenvolvimento regional, especialmente em localidades com indicadores socioeconômicos deficitários. Nas unidades do IFMT, principalmente naquelas mais afastadas, consideradas por muitos como região de fronteira, é desenvolvido um trabalho que quer contribuir para a

consolidação da cultura científica, estimulando e induzindo a pesquisa aplicada e o ensino experimental prático das ciências, facilitando o acesso dos estudantes a equipamentos e materiais auxiliares de ensino e pesquisa, promovendo o desenvolvimento do espírito científico e criando condições para a extensão e a dinamização de projetos e atividades científico-experimentais (IFMT, 2019, p. 32).

De fato, a presença do Instituto em comunidades do interior de Mato Grosso representa a inserção delas em dinâmicas de produção de conhecimento científico – com todas as contradições inerentes a este contexto, onde saberes técnico-científicos se entrelaçam com demandas locais e saberes tradicionais em um processo contínuo de mediação e apropriação. Sendo assim, levanta-se a hipótese de que o IFMT não apenas se instala nas margens; ele é por elas constituído. O contexto mato-grossense – com suas tensões entre agronegócio e saberes tradicionais, entre modernidade e conservadorismo – atua como força modeladora da instituição, conformando suas práticas e desafios (Tsing, 2005; Braidotti, 2006; Haraway, 2023).

Este trabalho, que apresenta parte de uma pesquisa mais ampla¹ em fase de conclusão, busca analisar como o IFMT se torna ator fundamental na dinâmica entre centros e margens, particularmente na produção e circulação de conhecimento científico. Seu objetivo é discutir como se efetivam políticas públicas de interiorização da educação profissional e produção científica em territórios periféricos, tomando o IFMT como estudo de caso privilegiado para compreender como a margem, longe de ser receptáculo passivo, transforma e é transformada pelas instituições que nela se instalam.

2. Algumas premissas teórico metodológicas

Este trabalho inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, privilegiando a compreensão de aspectos singulares em detrimento de generalizações, a partir de dados empíricos coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais de *campi* do IFMT localizados em cidades de pequeno e médio porte distantes dos centros hegemônicos – territórios profundamente marcados pela influência do agronegócio.

PALAVRAS-CHAVE

Institutos
Federais;
Educação; Ciência;
Margem.

PALABRAS CLAVE

Institutos
Federales;
Educación;
Ciencia; Margen.

KEYWORDS

Federal Institutes;
Education,
Science; Margin.

Recibido:
25/07/2024

Aceptado:
20/07/2026

A análise assume que o real se constitui em processos fluidos e cambiantes, exigindo uma abordagem hermenêutica que busca o significado cultural (Geertz, 2008). Os atores são concebidos não em posições fixas, mas em constante devir, cujas performances se entrelaçam em redes relacionais – “um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos” (Latour, 2012, p. 72). Esta perspectiva alinha-se aos Estudos Culturais da Ciência, compreendendo que atores e instituições se conformam mutuamente através de embates agonísticos (Oliveira, 2024), marcados por assimetrias e linhas de força que tornam impossíveis análises assertivas em meio a configurações frequentemente caóticas (Ang, 2020).

Tem forte inspiração em Haraway (2023) quando a mesma convida a *permanecer com o problema*, o estudo adota uma postura metodológica que rejeita a *Fast Science* – modelo que privilegia resultados rápidos e mensuráveis – em favor de uma *ciência lenta* (Stengers, 2023) atenta às complexidades e incertezas inerentes aos territórios de fronteira (Deleuze; Guattari, 1995; Braidotti, 2006). Esta opção implica reconhecer o caráter situado de toda produção de conhecimento (Haraway, 1995) e assumir que as práticas científicas nas margens se desenvolvem a partir de ecologias de saberes (Stengers, 2023) onde conhecimentos técnico-científicos entram em fricção com saberes tradicionais (Tsing, 2005).

Operacionalmente, esta perspectiva traduz-se no uso de conceitos como *string figures* (Haraway, 2023) – ferramenta analítica que permitem estabelecer *conexões parciais* (Strathern, 2004) entre seres, objetos e saberes diferentes, fabulando alternativas para além da instrumentalidade moderna. Trata-se de uma prática colaborativa onde conceitos reconfiguram-se constantemente, não como molduras fixas, mas como gestos de acolher, transformar e passar adiante configurações provisórias.

Esta abordagem permite seguir os atores em suas derivas (Latour, 2012) pelos territórios das margens onde o IFMT está situado, atenta às mediações, disputas e apropriações que constituem a produção científica nas margens – não como observação externa, mas como participação em um processo de tradução entre mundos que constantemente desafia a repensar certezas teóricas e compromissos metodológicos.

3. O IFMT como margem e como fronteira

A análise do IFMT em Mato Grosso exige um olhar que transcende a simples localização geográfica para adentrar as complexas dinâmicas de poder, conhecimento e territorialidade que caracterizam estas paisagens sociais. Seguindo a perspectiva de Tsing (1993), as margens mato-grossenses longe de constituírem espaços de passividade ou vazios a serem preenchidos, revelam-se como territórios privilegiados de resignificação, onde projetos universais são constantemente tensionados e reconfigurados. Neste capítulo, examina-se como o IFMT se insere e é constituído por estas fronteiras, operando simultaneamente como produto e produtor das contradições que marcam a região. Através de três eixos analíticos interligados – a configuração territorial das margens, o posicionamento institucional do IFMT nestas paisagens e as práticas de resistência que ali emergem – busca-se compreender os complexos processos de mediação entre políticas públicas educacionais, projetos de desenvolvimento e realidades locais que caracterizam a atuação da instituição nestes territórios de fronteira.

3.1. A margem como espaço: agronegócio e contradições territoriais

O estudo discute os processos de efetivação de políticas públicas de educação e ciência em regiões consideradas marginais no interior de Mato Grosso. Seguindo Tsing (1993), essas margens longe de representarem espaços de passividade, constituem-se como territórios privilegiados de resignificação onde projetos universais são constantemente reconfigurados.

As dinâmicas do capitalismo atual tornam pouco plausível imaginar regiões geograficamente distantes como isoladas. No caso deste território, marcado por um acelerado processo de ocupação nos últimos cinquenta anos, a noção de marginalidade aparece como uma construção funcional às conexões que os grandes

centros políticos e econômicos estabelecem com a região. Isso se evidencia ainda mais diante da ofensiva do agronegócio, que busca “modernizar” um espaço frequentemente representado como atrasado.

Na rede de relações estabelecida na região, diversos atores, além de discordarem dessas perspectivas, apontam o agronegócio como um ator que desenvolve assimétricas relações de poder nos lugares onde se estabelece, contribui para acirrar a desigualdade social ao mesmo tempo em que agudiza as muitas disparidades sociais vigentes em tais margens (Coy, Barrozo & Souza, 2020).

O estado, apesar de sua distância geográfica dos centros hegemônicos, sempre esteve conectado a interesses globais – seja pela proteção de fronteiras, existência de reservas minerais ou, mais recentemente, pela produção de commodities para exportação. Nessas margens, as ideias vindas dos centros de poder assumem sua maior radicalidade, constituindo *out-of-the-way places*² (Tsing, 1993) onde políticas públicas de cidadania mostram-se deficitárias.

Algumas localidades pesquisadas, como as da região do Norte do Araguaia, referem-se a si mesmas como o *Vale dos Esquecidos*, evidenciando a carência de políticas de transporte, saúde e educação – esta situação, vem mudando uma vez que a região vem se configurando nos últimos anos como nova fronteira para a produção de grãos (Coy, Barrozo & Souza, 2020). Paradoxalmente, outras regiões experimentaram significativa pujança econômica com a chegada do agronegócio, porém mantendo profundas desigualdades sociais. A margem revela-se, assim, tanto referência geográfica quanto simbólica – trabalhadores que construíram infraestruturas encontram-se “ao mesmo tempo muito perto e muito longe da prosperidade”.

Esta complexa tessitura territorial desafia qualquer compreensão universalizante do Mato Grosso. A pretensão de superar movimentos interpretativos totalizantes esbarra na constatação de que o território possui inúmeras especificidades que adquiriram múltiplos significados em diferentes temporalidades. Embora existam grandes linhas de força atravessando este cenário, os constrangimentos que impõem aos atores locais geram singularidades e imanências que resistem a categorizações simplificadoras. O esforço analítico, portanto, não pode render-se à narrativa de que a margem foi passivamente abarcada por disposições colonizadoras, seja em tempos nacionais ou na era do agronegócio global.

Muito mais fértil é imaginar estas fronteiras como terreno para a produção de híbridos (Braidotti, 2006; Latour, 2012), onde as populações locais negociam de forma ambivalente sua inserção no projeto moderno. Se por um lado são assediadas pela proposta sedutora de progresso vinculada ao tecnocientificismo, por outro mantêm vínculos com tradições que valorizam a solidariedade comunitária e o cuidado com a natureza – resistindo, ainda que parcialmente, à mercantilização total da vida (Haraway, 2023). Esta dualidade aponta que a fronteira não é apenas local de dominação, mas território de reinvenção criativa capaz de desafiar ordens estabelecidas e permitir que outros modos de existir emergiam (Tsing, 2022).

É precisamente neste cenário de contradições e possibilidades que o IFMT se instala, trazendo consigo a promessa de educação e ciência como vetores de transformação. A análise de como esta instituição se posiciona nestas paisagens tensionadas revela os complexos processos de mediação entre projetos universais e realidades locais que caracterizam sua atuação nas margens mato-grossenses.

3.2. O IFMT como ator nas margens de Mato Grosso

A partir de 2008, o IFMT surge como novo ator nesse território marcado por assimetrias. Como política pública da Rede Federal de Educação Tecnológica, seu caráter relacional estabelece compromisso com o desenvolvimento regional por meio de formação omnilateral que visa não apenas a inserção profissional, mas também o empoderamento de grupos historicamente excluídos (Amorim, 2013; IFMT, 2019; Chagas, 2020).

No entanto, as análises das entrevistas revelam tensões significativas entre o projeto institucional e suas materializações. Enquanto os documentos fundacionais enfatizam a integração com arranjos socioprodutivos locais, na prática essa integração mostra-se predominantemente alinhada ao modelo do

agronegócio. A maioria dos entrevistados aponta que ações e cursos do IFMT acabam por ratificar esse modelo como a *melhor forma de ocupação do território*, com pouco espaço para discussões críticas sobre seus impactos socioambientais.

Essa orientação conecta-se a uma rede mais ampla de agenciamentos políticos que operam nessas margens, onde se observa o crescimento de correntes economicamente liberais e socialmente conservadoras. Como aponta Schwarz (2019), mantém-se nessas regiões uma antiga aversão das elites por classes que elas mesmas elegeram como perigosas, evidenciando a persistência de mentalidades colonial-patrimonialistas.

A diversidade de agências identificadas revela que o IFMT se constitui como um verdadeiro *objeto de fronteira* (Star & Griesemer, 1989; Star, 2010), posicionando-se na intersecção entre atores provenientes de mundos sociais distintos. A instituição demonstra uma plasticidade que permite sua adaptação a diferentes agenciamentos, mantendo ao mesmo tempo uma estrutura suficientemente robusta para garantir uma identidade comum. Esta condição fronteiriça possibilita que, apesar de ser marcado por políticas geradas em realidades distantes, o IFMT apresente porosidade que permite aos atores locais implementarem seus projetos pessoais e comunitários.

Esta dualidade de perspectivas não representa necessariamente uma contradição, mas antes reflete a natureza multifacetada do IFMT como instituição. A coexistência dessas diferentes orientações profissionais demonstra como o Instituto funciona como espaço de *conexões parciais* (Strathern, 2004), onde atores com projetos distintos conseguem cooperar pragmaticamente para alcance de objetivos comuns, ainda que mantenham concepções e prioridades diversas sobre o papel da instituição.

O IFMT se revela, portanto, como uma instituição plural e em constante negociação, onde diferentes projetos de educação, ciência e desenvolvimento regional coexistem e se tensionam. Se a análise até aqui focou nas dinâmicas institucionais e suas contradições, faz-se necessário agora seguir especificamente aqueles atores que buscam fazer da pesquisa científica um eixo central de sua atuação nas margens, examinando os desafios, estratégias e potencialidades que caracterizam a produção de conhecimento nestes territórios de fronteira.

3.3. O IFMT como espaço para resistências e fabulações alternativas

Contrapondo-se à tendência hegemônica, identificam-se práticas significativas de resistência e fabulação de alternativas. Educadores desenvolvem iniciativas pedagógicas que problematizam marcadores de diferença (gênero, classe, etnia) e promovem reflexões críticas junto a estudantes e comunidades.

No âmbito da pesquisa científica, embora condicionada por limitações estruturais – carga horária docente prioritariamente alocada em atividades de ensino, orçamento reduzido, prazos exíguos –, identificam-se interessantes derivações investigativas. Alguns pesquisadores desenvolvem trabalhos em sintonia com movimentos sociais, investigando técnicas de permacultura, sistemas agroflorestais e recuperação de solos degradados.

Particularmente significativas são as experiências que buscam *pensar com* (Stengers, 2023) saberes tradicionais, desenvolvendo diálogos não colonizadores com agricultores familiares, ribeirinhos e povos indígenas sobre formas não predatórias de cultivo. Essas iniciativas, algumas versões desenvolvidas através de parcerias com a Comissão Pastoral da Terra, geram não apenas conhecimento acadêmico, mas também cursos de capacitação e publicações que registram saberes ancestrais.

O rastreamento dessas práticas científicas e de educação alternativas revela uma complexidade que desafia representações totalizantes. Como aponta Haraway (2023), as configurações que emergem nestes *out-of-the-way places* (Tsing, 1993) nem sempre podem ser facilmente *coletadas e lançadas adiante* como figuras acabadas. Mais do que um inventário de coordenadas, o que se configura é um exercício contínuo de “abrir o mundo” (Ingold, 2015), reconhecendo o caráter necessariamente inacabado de qualquer tentativa de mapeamento dessas realidades fronteiriças.

O território do IFMT se apresenta como um verdadeiro corpo vivo e multifacetado, atravessado por pesquisadores diversos, paisagens do cerrado e da Amazônia, plantações de soja, cidades em crescimento e modos de vida tradicionais ameaçados. Neste cenário multifacetado, a produção científica desenvolve-se através de *um jogo de compor com* (Haraway, 2023) que tensiona, fricciona e reinventa regulamentos, princípios científicos e outros humanos e não-humanos, numa ciência que se entrelaça (Tsing, 2005; Barad, 2021) organicamente com a margem.

Estas experiências de diálogo entre saberes representam movimentos importantes de ruptura com a ciência colonizadora, que historicamente serviu como ferramenta de apropriação moderna dos mundos possíveis. Descolonizar a ciência produzida nas margens implica reconhecer que o conhecimento não é monopólio de laboratórios distantes, mas fruto de processo coletivo e situado, atravessado por saberes comunitários e ancestrais que produzem inteligibilidades ímpares sobre o mundo (Lafuente, 2022).

As práticas de resistência e fabulação alternativas identificadas no IFMT configuram-se, portanto, como expressões de uma ciência em devir, que recusa tanto o fechamento epistemológico quanto a submissão acrítica aos modelos hegemônicos. Mais do que conclusões definitivas, estas experiências apontam para a potência transformadora de uma produção científica que se assume como plural, assimétrica e contraditória – um “rabisco inacabado” que, longe de ser uma limitação, representa a condição mesma de possibilidade para o surgimento de novos arranjos cognitivos e existenciais nestes territórios de fronteira.

4. Considerações longe de um final

As práticas educativas e científicas identificadas no IFMT não podem ser compreendidas como posições fixas ou dicotômicas. As entrevistas realizadas revelam que tais práticas são construídas a partir de trajetórias profissionais, formações disciplinares distintas e inserções em redes de atores humanos e não humanos que conformam o cotidiano institucional. Os agentes do IFMT negociam constantemente seus projetos pessoais e coletivos em meio a linhas de força contraditórias — entre a adesão ao modelo hegemônico do agronegócio e a fabulação de alternativas pedagógicas e científicas comprometidas com saberes locais e tradicionais.

Longe de um cenário de determinação unilateral, o Instituto se revela um espaço de mediação e disputa, onde a margem não é apenas contexto, mas força ativa que ressignifica políticas públicas e projetos de ciência. Assim, o IFMT emerge não como uma instituição coesa, mas como um ator-fronteira, tensionado por agendas globais e demandas locais, e constituído justamente por essas tensões. As posições descritas ao longo do texto devem, portanto, ser lidas como configurações provisórias, sempre sujeitas a rearranjos e reinvenções nos territórios mato-grossenses.

NOTAS

¹ Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado intitulada “Rabiscos de uma escrita sobre as margens: o IFMT como espaço de produção de conhecimento científico” desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PECEM, da Universidade Estadual de Londrina – UEL. A defesa da tese está marcada para ocorrer em dezembro de 2025.

² A expressão designa territórios “fora do caminho”, isto é, espaços que não estão integrados às infraestruturas e circuitos estatais, capitalistas ou logísticos que definem o que conta como centro. São lugares deslocados tanto física quanto politicamente — áreas às quais o Estado não chega plenamente, que não são cobertas por rodovias, serviços ou políticas de desenvolvimento, e que circulam à margem dos fluxos hegemônicos do capitalismo global. A partir de sua pesquisa no Sudeste Asiático, Tsing (1993) ressalta ainda que esse afastamento opera em dupla escala: para o Norte Global, a própria Indonésia já seria um país *out of the way*; dentro dela, povos como os Meratus ocupam regiões igualmente percebidas como periféricas. Assim, o termo aponta para a margem da margem, uma posição relacional que não descreve isolamento absoluto, mas condições históricas e políticas de deslocamento, produzidas por fronteiras, disputas territoriais e dinâmicas coloniais e pós-coloniais. Trata-se, portanto, de uma categoria analítica para pensar formas de marginalidade e suas dobras, e não uma noção culturalmente carregada de “marginal” como o que é normalmente tratado nos estudos sobre segurança pública. Adota-se livremente essa noção para falar do território de Mato Grosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, M. M. T. (2013). *A organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no conjunto da educação profissional brasileira* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://hdl.handle.net/1843/BUOS-9AZGC8>
- Ang, I. (2020). On cultural studies, again. *International Journal of Cultural Studies*, 23(3), 285–291. <https://doi.org/10.1177/136787791989173>
- Barad, K. (2021). Entrelazamientos cuánticos y relaciones de herencia fantológicas: Dis/continuidades, pliegues espaciotemporales y la justicia-porvenir. *Revista Demarcaciones*, (9). <https://revistademarcaciones.cl/2023/04/22/revista-demarcaciones-numero-9/>
- Barrozo, J. C. (2008). *Mato Grosso: Do sonho à utopia da terra*. EdUFMT/Carlini & Caniato.
- Braidotti, R. (2006). *Transpositions: On nomadic ethics*. Polity Press.
- Chagas, S. E. A. (2020). *O Instituto Federal integra a jornada: Potencialidades emancipatórias nas trajetórias de jovens egressos do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio em Institutos Federais no Centro-Oeste brasileiro* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12089>
- Coy, M., Barrozo, J. C., & Souza, E. A. (2020). *Estratégias de expansão do agronegócio em Mato Grosso: Os eixos da BR-163 e da BR-158 em perspectiva comparativa*. Editora IABS.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 2). Editora 34.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas* (13. reimpr.). LTC.
- Haraway, D. J. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.
- Haraway, D. J. (2023). *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno*. N-1 Edições.
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes.
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. (2019). *Plano de Desenvolvimento Institucional 2019–2023*. <http://ifmt.edu.br/conteudo/pagina/pdi-2019-2023/>
- Lafuente, A. (2022). *Itinerarios comunes: Laboratorios ciudadanos y cultura experimental*. Ned Ediciones.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: Uma introdução à teoria do ator-rede*. EDUFBA/EDUSC.
- Oliveira, M. A. (2024). Prefácio. In M. A. Oliveira, A. L. Polizel, & F. Gomes (Orgs.), *Estudos culturais das ciências e das educações: Pensar a contemporaneidade* (pp. 15–25). LF Editorial.
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.
- Star, S. L., & Griesemer, J. R. (1989). Institutional ecology, “translations” and boundary objects: Amateurs and professionals in Berkeley’s Museum of Vertebrate Zoology, 1907–39. *Social Studies of Science*, 19(3), 387–420. <https://doi.org/10.1177/030631289019003001>
- Star, S. L. (2010). This is not a boundary object: Reflections on the origin of a concept. *Science, Technology, & Human Values*, 35(5), 601–617. <https://doi.org/10.1177/0162243910377624>
- Stengers, I. (2023). *Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências*. Bazar do Tempo.
- Strathern, M. (2004). *Partial connections*. AltaMira Press.
- Tsing, A. L. (1993). *In the realm of the Diamond Queen: Marginality in an out-of-the-way place*. Princeton University Press.
- Tsing, A. L. (2005). *Friction: An ethnography of global connection*. Princeton University Press.